

**OS PASSADOS**  
**NO ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS\***  
*Vanise Gomes de Medeiros (PUC-Rio/UERJ)*

Várias são as dificuldades que o ensino de português pode apresentar ao aluno estrangeiro. Algumas específicas a um determinado tipo de falante, como, por exemplo, o emprego do artigo para o falante de japonês; outras comuns a quase todos os aprendizes, como é o caso, para citar um, do uso do subjuntivo. Neste trabalho vai se tratar de uma dificuldade também comum a qualquer estrangeiro aprendiz de português: o emprego dos passados. Aqui vai se refletir sobre alguns dos problemas que esse tipo de aluno enfrenta com o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito e vai se propor algumas estratégias para o ensino desses tempos. Mais especificamente vai se focalizar neste artigo alguns dos empregos do perfeito.

O emprego dos pretéritos – perfeito e imperfeito – constitui um problema tanto para o aluno iniciante em português quanto para aquele que já possui um bom domínio da língua. Para este segundo, os problemas podem ser de duas ordens: primeira, a utilização de uma forma do passado inapropriadamente; segunda, a não exploração de oposições aspectuais que dariam ao texto um outro matiz.

O exemplo (1) permite observar a inadequação do uso de uma forma do pretérito:

*(1) Na adolescência eu sempre esperava que tivesse uma família 'normal' e que minha mãe pudesse ser como todas as outras mães. Quando ela me dirigiu para a escola na sua camioneta laranja pintada com árvores, flores e arco-íreses eu me escondia debaixo da cadeira ou pedia para que ela me deixasse bem longe da entrada da escola. Ela sempre tinha um jeito estranho de vestir e sempre me dava vergonha quando encontrávamos com minhas colegas.*

Trata-se de um fragmento de redação de uma aluna, no caso falante de língua inglesa, já com um bom trânsito na língua portuguesa. Um parêntese para situar seu texto: após a leitura do conto *O Alienista* de Machado de Assis e após a exploração deste conto de diferentes maneiras (outras leituras, vídeo, trabalhos orais e escritos), havia uma proposta de debate a partir de uma frase de Caetano Veloso *'De perto ninguém é*

---

\* Texto do trabalho apresentado no Congresso da SIPLE de 1999 e publicado nos anais de 2000.

*normal*'. Este trecho é, pois, produto de uma redação feita a partir de tal frase. E o que se pode observar em tal fragmento no que se refere ao emprego do passado? O uso inadequado do perfeito (*se dirigiu*) no lugar do imperfeito; no caso, ela teria duas opções com o imperfeito em função do vocábulo que escolhesse:

(a) *Quando ela dirigia a caminhonete...*

(b) *Quando ela me levava...*

Uma ressalva: está sendo considerado aqui o imperfeito como a forma adequada uma vez que a proposta de narração da aluna apresenta tal forma como base de seu texto. Repare-se no início – *Na adolescência eu sempre esperava...* – e nos outros verbos presentes no período em questão – *...eu me escondia debaixo da cadeira e pedia...*

Já o exemplo (2) permite uma outra observação:

(2) *Três meses após o curso ela se apresentava como um brasileira.*

Neste caso, não há inadequação no emprego de uma forma do passado, apenas se pretende destacar que com o perfeito o enunciado deixaria de apresentar um determinado matiz: o narrativo. Observe-se:

(2.1) *Três meses após o curso ela se apresentou como um brasileira.*

A questão que está se propondo com este caso é: até que ponto o aluno sabe explorar o perfeito em suas várias possibilidades? Por exemplo, no fragmento (1), a aluna também poderia ter usado, após o advérbio *sempre*, o perfeito do indicativo, o que também daria ao seu texto um outro tom:

(1.1) *Na adolescência eu sempre esperei ter uma família 'normal' e sempre desejei que minha mãe pudesse ser como todas as outras mães. Quando ela me levava para a escola na sua camioneta laranja pintada com árvores, flores e arco-íreses eu me escondia debaixo da cadeira ou pedia para que ela me deixasse bem longe da entrada da escola. Ela sempre teve um jeito estranho de vestir e sempre me deu vergonha quando encontrávamos com minhas colegas.*<sup>7</sup>

Conforme foi dito, a proposta deste trabalho é refletir sobre alguns

---

<sup>7</sup> . Em (1.1) foram feitas somente algumas correções no texto da aluna em função do que se deseja demonstrar neste artigo. Daí não se ter alterado, por exemplo, “arco-íreses” para “arco-íris”.

dos empregos do perfeito buscando com isso poder indicar para o aluno a adequação do emprego de uma ou outra forma (no caso, do perfeito ou do imperfeito) e também poder possibilitar a ele a exploração das potencialidades que estas formas apresentam. Observem-se, então, alguns outros exemplos retirados de redações de alunos estrangeiros:

(3) *Eu morava lá por um ano.*

(4) *Eu tentava durante um ano ter ratinhos.*

(5) *Ele sempre amava ela como louco e ficou sofrendo a vida inteira dele.*

Tem-se aqui o imperfeito sendo usado de maneira inaceitável. A que se deve tal emprego? Talvez a resposta esteja nas características veiculadas sobre o perfeito e o imperfeito.

O imperfeito é comumente apresentado nas gramáticas como aquele que “encerra uma idéia de continuidade, de duração do processo verbal” (Cunha e Cintra) em oposição ao perfeito, que é apresentado como aquele cuja “ação que se produziu em certo momento no passado” (Cunha e Cintra). Além do aspecto durativo (da idéia de continuidade), as gramáticas, em geral, atribuem ao imperfeito o aspecto inconcluso (a idéia de ser inacabado) – “designa fundamentalmente um fato passado, mas não concluído” (Cunha e Cintra) – em oposição, mais uma vez, ao perfeito que funciona então como “detonador de uma ação completamente concluída”. Tem-se, portanto, de um lado, o imperfeito, tomado como durativo e inconcluso, e, de outro, o perfeito, considerado como não durativo e conclusivo. É com tal oposição que, grosso modo, os livros de português para estrangeiros operam e é também através de tal oposição que se apresentam, em geral, estas duas formas do passado para o aluno estrangeiro e com que se trabalham também os passados.

Ao se observarem os exemplos (3), (4) e (5) acima, nota-se a presença de adjuntos adverbiais que remetem o aspecto durativo (*por um ano, durante um ano, sempre*), e que, por conseguinte, implicam para o aluno estrangeiro o emprego do imperfeito. Por que, então, o uso do imperfeito nestes casos não é o adequado? E indo mais longe: por que ter de usar o perfeito nestes casos?

Ora, o que se pretende demonstrar aqui é que se a distinção aponhada nas gramáticas entre imperfeito (durativo e inconcluso) e perfeito (não durativo e conclusivo) pode ajudar no ensino do português para estrangeiros em um primeiro momento; não recobre, no entanto, o uso destes tempos em língua portuguesa. Em outras palavras, o que se quer evi-

denciar com este trabalho é que:

(i) o fato de o imperfeito apresentar aspecto durativo (continuativo) não implica considerá-lo também ou, sobretudo como inconcluso;

(ii) o fato de o perfeito funcionar como conclusivo e não durativo em diversos ambientes não significa que se deva tomá-lo como tendo somente tais características.

Observe-se agora o pequeno diálogo abaixo:

(6) – *Eu ontem andei na praia de Ipanema até o Leblon.*

– *Eu sempre andei.*

E confronte-o com um diálogo semelhante:

(7) – *Eu ontem andei na praia de Ipanema até o Leblon.*

– *Eu sempre andava.*

Em (7), com o verbo no imperfeito, a leitura que se pode fazer é: o interlocutor já fez tal percurso algumas (ou inúmeras) vezes, mas não o faz mais; ele andava, não anda mais. Em (6), com o perfeito, a leitura que se pode fazer é: o interlocutor não só já fez o percurso algumas (ou inúmeras) vezes como ainda o faz. Para que o perfeito pudesse neste caso ser lido como fato acabado, conclusivo, a sentença deveria continuar com, por exemplo, *‘mas hoje eu não ando mais’*. Portanto, o que se tem com estes dois exemplos é:

(i) um imperfeito funcionando como durativo e conclusivo;

(ii) um perfeito funcionando como durativo e inconclusivo.

Em outras palavras, o que se observa com tais exemplos é uma total inversão do que se aponta, em geral, nas gramáticas do português em relação aos passados. A título de ilustração, eis os quadros: (a) correspondente às características destas formas verbais tal como se encontram nas gramáticas tradicionais; (b) correspondente aos diálogos dos exemplos (6) e (7):

(a)

<b>Imperfeito</b>	<b>Perfeito</b>
durativo	não durativo
inconcluso	concluso

(b)

<b>Imperfeito</b>	<b>Perfeito</b>
durativo	durativo
concluso	inconcluso

Já que neste artigo o perfeito que está em foco, vale observar separadamente cada uma de suas ‘inversões’.

Quanto ao aspecto durativo do perfeito, algumas gramáticas fazem referência a esta possibilidade. Em Cunha e Cintra, por exemplo, é lembrado que o perfeito “*para exprimir uma ação repetida ou contínua... exige sempre o acompanhamento de advérbios*”, como, por exemplo, em:

(8) *Aludi várias vezes ao revestimento exterior.* (Cunha e Cintra)

Observe-se, então, que, com este exemplo de Cunha, tem-se um uso do perfeito com o aspecto durativo, tal como no exemplo (6), mas, por outro lado, diferentemente do exemplo (6), com o aspecto conclusivo. Isto possibilita um outro quadro para o perfeito:

(c)

<b>Perfeito</b>
durativo
concluso

Quanto ao aspecto inconclusivo do perfeito, observado no exemplo (6), vale destacar que o perfeito aí se aproxima de uma outra forma do passado: o pretérito perfeito composto do indicativo. Tal como este se projeta para o presente podendo, inclusive, remeter ao futuro: como equivalente a “*eu sempre andei*” pode-se ter “*eu tenho andado sempre*”, significando também que “*vou continuar a andar*”.

Tem-se, então, no que tange ao aspecto, ao menos três possibilidades para o perfeito:

- (i) aspecto não durativo e conclusivo;
- (ii) aspecto durativo e conclusivo;
- (iii) aspecto durativo e inconclusivo.

Evidenciados estes outros empregos do perfeito e observados os problemas do aluno estrangeiro – uso do imperfeito com advérbios que conferem à frase um caráter durativo, como vimos nos exemplos (3), (4) e (5), é hora de voltar à proposta deste trabalho que é a de pensar em es-

estratégias de ensino dos passados a partir das amplas possibilidades de emprego do perfeito. A interferência que vai se propor aqui é fruto da observação dos problemas que a distinção usual entre perfeito e imperfeito – a do quadro (a) – normalmente traz ao aluno, sobretudo àquele menos iniciante.

Considera-se aqui que a distinção primeira tomando o imperfeito como durativo e o perfeito como fato “que se produziu em certo momento do passado” (Cunha e Cintra) é produtiva. Isto não significa, contudo, tomar o imperfeito como inconcluso, tampouco opor imperfeito ao perfeito no que tange ao aspecto conclusivo/inconclusivo. Ambos seriam apresentados e trabalhados como conclusivos. O imperfeito, no caso, como tendo um aspecto durativo; já o perfeito é caracterizado como não-durativo. O que corresponde a já conhecida estratégia articulada a partir dos advérbios *ontem* (para o perfeito) e *antigamente* (para o imperfeito). Repare-se que o que se está destacando é o aspecto conclusivo do imperfeito.

Como uma distinção outra, a proposta é a de se trabalhar o perfeito como durativo em ambientes que apareçam advérbios como *sempre*, isto é, em ambientes que apontem para o aspecto durativo. Para tornar mais evidente a proposta deste trabalho: o que se pretende sinalizar para o aluno é o fato de, em ambientes com advérbios que remetam para um acontecimento contínuo, o perfeito vir a ser a forma usada: seja porque tais advérbios o demandam, como é o caso do exemplo (5); seja porque a presença desta forma verbal irá permitir um outro matiz ao enunciado, caso do exemplo (1.1), seja porque o uso do perfeito irá impor uma leitura diferente em relação ao imperfeito, caso do exemplo (6). Importa destacar que está se propondo o perfeito não como sendo passível de apresentar o aspecto durativo devido a presença de um ou outro advérbio, mas como sendo por ele, advérbio, engendrado. Esta é uma importante mudança de foco da questão.<sup>8</sup>

Em suma, está se propondo elucidar para o aluno que:

(i) as formas perfeito e imperfeito do indicativo apresentam o aspecto conclusivo e a oposição entre perfeito e imperfeito se dá a partir do aspecto durativo em certos ambientes<sup>9</sup>;

(ii) a forma perfeito do indicativo também apresenta o aspecto du-

---

<sup>8</sup> . Esta mudança de foco é um dos pontos que se busca observar com a pesquisa sobre os passados que está sendo feita.

<sup>9</sup> . Vale sinalizar que o tipo de texto entra em jogo na seleção do perfeito ou do imperfeito. Este não é, contudo, o objetivo deste artigo aqui.

rativo. Mais do isso: em ambientes com advérbios como *sempre*<sup>10</sup> privilegia-se o emprego do perfeito<sup>11</sup>. O emprego do imperfeito passa a ser tomado como também possível, mas como promovendo alterações no texto ou então como dependente de determinadas estratégias textuais para ser possível. A título de ilustração, o imperfeito do exemplo (3) seria possível se a frase continuasse com “quando aconteceu o acidente” (*Eu já morava lá por um ano quando aconteceu o acidente.*)

(iii) a forma perfeito do indicativo pode apresentar o aspecto inconcluso e aproximar-se assim do pretérito perfeito composto do indicativo<sup>12</sup>.

Por fim, é importante lembrar que estas observações constituem o início de uma pesquisa sobre os passados na língua portuguesa.

#### BIBLIOGRAFIA

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Gramática do Português Contemporâneo*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.

---

<sup>10</sup> . Considera-se que para o ensino dos passados os advérbios são fundamentais. Neste sentido, está se buscando fazer um mapeamento dos advérbios e das implicações destes nos usos dos passados.

<sup>11</sup> . Mais uma vez há que se considerar o tipo de texto.

<sup>12</sup> . Importa registrar que também não estão sendo consideradas neste trabalho as particularidades de alguns verbos, como *ser*, *estar*, *ter*, para citar alguns, nos usos do perfeito. Assume-se, pois, que o tipo de verbo também influencia a forma verbal a ser selecionada.